

Mapeando o abuso digital no namoro no Brasil e na Austrália: uma revisão das experiências de vitimização do Sul Global

Gisella Lopes Gomes Pinto Ferreira (<https://orcid.org/0000-0001-5332-3194>)¹

Resumo *A tecnologia desempenha papel fundamental nas relações entre jovens. Embora seus benefícios sejam bem conhecidos, menos se sabe sobre seus impactos e experiências negativas, como o abuso digital no namoro. A maioria dos estudos vem de países norte-americanos e europeus e não enquadram o abuso digital no namoro como um fenômeno multidimensional. É necessário explorar esta questão social e de saúde pública no Sul Global que impacta significativamente a vida de jovens. Uso a concepção de abuso digital no namoro de Brown e Hegarty como uma ampla gama de comportamentos nocivos e uma perspectiva de gênero para revisar a literatura existente sobre vitimização de adolescentes por abuso digital no namoro em relacionamentos heterossexuais de uma perspectiva do Sul. Essa perspectiva é demonstrada na revisão que destaca estudos de dois países do Sul Global: Brasil e Austrália. Argumento que o abuso digital no namoro é um fenômeno multifacetado e de gênero e sugiro que uma abordagem qualitativa em vários países do Sul pode ajudar pesquisadoras a estudar experiências, contextos e impactos de abuso digital no namoro entre adolescentes. Esse fenômeno contemporâneo merece atenção acadêmica como um problema social e de saúde pública.*

Palavras-chave *Abuso digital no namoro, violência de gênero, Brasil, Austrália, Adolescentes*

¹ School of Justice, Faculty of Creative Industries, Education and Social Justice, Queensland University of Technology. School of Justice, Queensland University of Technology, A Block, Level 3, 149 Victoria Park Rd, Kelvin Grove QLD 4059. Queensland Austrália. g2.ferreira@qut.edu.au

Introdução

Globalmente, pessoas jovens integram o grupo etário mais conectado digitalmente¹ e a tecnologia desempenha um papel central em seus relacionamentos de namoro e amizades²⁻⁴. Para as pessoas jovens, a construção de identidades e relacionamentos está profundamente ligada à tecnologia⁵⁻⁷. As conexões digitais permitem vias positivas de contato pessoal e acesso a serviços, que têm sido cruciais, sobretudo a partir da pandemia de COVID-19⁸. No entanto, a hiperconectividade de pessoas jovens, juntamente com a imaturidade e a inexperiência em relacionamentos, podem também torná-las mais vulneráveis a experiências negativas, como de abuso digital no namoro (ADN)⁹⁻¹². Embora os benefícios do uso da tecnologia sejam bem conhecidos, pouco se sabe sobre as experiências de ADN de pessoas jovens, principalmente em países do Sul Global como o Brasil e a Austrália. Inspirada em Connell¹³, Brasil, na versão original em inglês deste artigo, é escrito de acordo com seu idioma oficial.

Há várias razões para desenvolver um estudo sobre as experiências de ADN vivenciadas por adolescentes no Brasil e na Austrália. Primeiro, as pesquisas existentes sobre ADN entre adolescentes vêm do Norte Global, particularmente de países norte-americanos e europeus. Assim, é primordial ampliar as vozes de jovens em pesquisas sobre ADN no Sul Global e compilar em primeira mão suas experiências e perspectivas sobre a vitimização por ADN. Adolescentes têm autonomia e devem ser ouvidos nos assuntos que os impactam¹⁴. Essa perspectiva está presente na Convenção sobre os Direitos da Criança da ONU¹⁵, da qual o Brasil e a Austrália são signatários. Essa convenção estabeleceu que as pessoas menores de 18 anos devem ser ouvidas e ter a oportunidade de expressar suas opiniões em todos os assuntos que lhes afetem. Tal perspectiva enfatiza o direito das crianças de se expressarem livremente e as reconhece como atores sociais competentes, cujos pensamentos, opiniões e experiências são valiosos e dignos de atenção pública e acadêmica^{16,17}. As pessoas jovens são as especialistas de suas próprias vidas, e o que elas têm a dizer sobre suas experiências é uma contribuição valiosa e original para nossa compreensão da violência por parceiro íntimo (VPI)^{17,18} e ADN. Assim, é necessário realizar pesquisas com adolescentes de ambos os países para entender suas experiências e criar respostas e prevenção da ADN de acordo com as perspectivas dos próprios adolescentes.

Em segundo lugar, esta revisão sobre ADN é focada no Brasil e na Austrália. Ela sintetiza a literatura de dois países do Sul, que muitas vezes são ignorados na literatura internacional. Apesar de várias diferenças, esses dois países têm muito em comum. Fazem parte do que Connell chamou de “camada sul”; ambos foram colonizados por países europeus e “compartilham histórias de expropriação violenta de povos indígenas, criação de economias primário-exportadoras, tentativas de industrialização e dilemas sobre dependência cultural e política”¹⁹ (p. 740). Além disso, Brasil e Austrália são líderes regionais em suas áreas – América Latina e Ásia-Pacífico, respectivamente. Embora a desigualdade digital exista entre e dentro dos países²⁰⁻²², estudos recentes do Brasil^{22,23} e da Austrália²¹ demonstram que adolescentes entre 15 e 17 anos nesses países são hiperconectados. Desse modo, esta revisão expande a agenda da criminologia do Sul na compreensão da violência de gênero contra mulheres em ambos os países²⁴.

Em terceiro lugar, os dois países identificaram o abuso facilitado pela tecnologia como um problema sério que merece atenção legal. Essas preocupações podem ser vistas nas recentes reformas legislativas e inovações nas respostas ao ADN no Brasil e na Austrália. Por exemplo, os dois países identificaram comportamentos de perseguição e monitoramento como problemas sérios. Entre 2015 e 2016, reformas legislativas no estado australiano de Queensland visaram reconhecer a perseguição (*stalking*) no contexto da VPI como um fator agravante na sentença²⁵. Em outubro de 2022, um projeto de alteração legal foi apresentado ao Parlamento de Queensland, demonstrando suas preocupações sobre comportamentos nocivos facilitados pela tecnologia, como comportamentos de monitoramento, rastreamento e vigilância²⁶. No Brasil, um novo crime de perseguição – incluindo perseguição envolvendo tecnologia – foi tipificado em 2021. Assim como na Austrália, e talvez com maior atenção às questões de gênero da VPI, a criminalização da perseguição no Brasil também incluiu agravantes se o crime for cometido contra crianças, adolescentes ou idosos, se o delito for cometido contra mulheres em contextos de VPI ou se envolveu menosprezo ou discriminação à condição de mulher²⁷. Embora essas mudanças legais sejam importantes, mais pesquisas são necessárias sobre ADN para gerar evidências empíricas aptas a embasar a prevenção e as respostas.

Em quarto lugar, pesquisas qualitativas recentes no Brasil²⁸ e na Austrália²⁹ demonstraram

que a tecnologia é o meio mais comum de praticar abuso entre pessoas jovens. Essa evidência ressalta a necessidade de explorar mais o ADN entre adolescentes nesses países. Essas quatro razões indicam que esta revisão comparativa entre países pode iluminar mais pesquisas e a compreensão das experiências de ADN entre adolescentes do Sul Global.

O ADN abrange uma série de comportamentos digitais nocivos em relacionamentos íntimos, como comportamentos de controle, monitoramento, ameaça, humilhação e sexuais³⁰. O ADN também compreende o abuso sexual baseado em imagens (ASBI), definido como produzir, distribuir ou ameaçar compartilhar imagens, fotos, vídeos íntimos ou *nudes* sem a permissão das partes envolvidas³¹. Embora o ADN abarque uma ampla gama de comportamentos, esse fenômeno nem sempre foi explorado como multidimensional na literatura existente. Consequentemente, algumas formas de ADN podem ter sido negligenciadas. Para lidar com essa limitação, uso a estrutura conceitual de Brown e Hegarty² para explorar pesquisas sobre ADN, principalmente do Brasil e da Austrália. Esses autores conceituam o ADN como uma ampla gama de comportamentos digitais nocivos, que podem ser classificados em quatro categorias: (1) monitoramento e controle, (2) humilhação, (3) coerção sexual e (4) ameaças. Essa estrutura é benéfica para compreender e explorar o ADN como fenômeno multidimensional. Essa estrutura pode levar a uma compreensão mais profunda do ADN, pois garante a inclusão de vários comportamentos de ADN que podem fazer parte de relacionamentos abusivos, evitando que certos tipos de experiências de ADN sejam ignorados. Assim, a abordagem multidimensional e de gênero usada nesta revisão pode ajudar os pesquisadores a obter um conhecimento mais profundo sobre as experiências de ADN entre adolescentes.

Guiada por essa estrutura conceitual e por essa perspectiva de gênero, analiso prioritariamente a literatura existente no Brasil e na Austrália para entender as experiências de vitimização de adolescentes em relacionamentos heterossexuais numa visão do Sul. Argumento que entender o ADN como fenômeno multifacetado e de gênero em diferentes países do Sul Global merece atenção acadêmica como problema social e de saúde pública. Utilizo o termo “adolescentes” para me referir a pessoas entre 12 e 19 anos, e “jovens” a uma faixa etária mais ampla, que será especificada de acordo com a literatura analisada. Começo discutindo o uso da tecnologia no Bra-

sil e na Austrália. Em seguida, forneço um mapa para explorar as diversas formas de ADN com base na estrutura de Brown e Hegarty². Por fim, destaco a necessidade de contextualizar o ADN através de uma lente de gênero e proponho uma agenda de pesquisa em que as vozes de jovens do Brasil e da Austrália sejam priorizadas para entender e prevenir esse problema.

Método

Conduzi uma busca de literatura *online* usando a biblioteca da QUT, o Google Acadêmico e a SciELO para identificar pesquisas qualitativas e quantitativas que exploram as experiências de ADN vivenciadas por adolescentes publicadas em inglês, português ou espanhol. Vários termos foram usados, os quais discutirei a seguir. Como os estudos recentes sobre o tema mostraram predominância de pesquisas no Norte Global, meu foco foi prioritariamente identificar e sintetizar estudos de dois países do Sul, Brasil e Austrália. Esta revisão inclui artigos empíricos, capítulos de livros, teses e relatórios publicados por organizações como Anglicare, Avon/Data Popular, Promundo e Unicef. Incluir essa variedade de estudos é necessário, pois além da existência significativamente menor de pesquisas sobre ADN de adolescentes em contextos do Sul em comparação com as pesquisas realizadas no Norte Global, deve-se considerar as diferentes formas de conhecimento. Esta revisão buscou mapear a literatura sobre ADN, entendido como um fenômeno multidimensional. Para tanto, as fontes empíricas incluídas deveriam discutir pelo menos uma dimensão do ADN relacionada às experiências de adolescentes (12-19 anos). Quando a faixa etária não foi fornecida, mas a fonte tinha informações suficientes para se inferir que a discussão abrangia ADN entre adolescentes, por exemplo, referindo-se a estudantes do ensino médio ou experiências de participantes durante uma idade específica, elas também foram incluídas.

Vários termos foram usados em inglês e português para identificar trabalhos empíricos com jovens sobre suas experiências de ADN, como adolescentes/jovens/adolescentes; jovem/adolescente; violência por parceiro íntimo/violência no namoro/abuso no namoro; abuso digital/*online*/facilitado por tecnologia; *sexting*; pornografia de vingança; *cyberstalking*. Após a leitura dos resumos e considerando o foco em ADN da faixa etária alvo, 44 trabalhos empíricos de diferentes países foram incluídos: 18 do Brasil, 10 da Aus-

trália, 6 dos EUA, 2 entre países do Sul Global, 2 de países do Sul e Norte Global, 2 entre países do Norte Global, 1 do Chile, 1 da Bélgica, 1 da Noruega e 1 do Reino Unido. A Tabela 1 inclui os métodos, participantes, país, idade e dimen-

sões de ADN cobertos por esses estudos. Artigos de revisão e teóricos foram usados neste artigo para embasar as seções teóricas e analíticas. Eles integram a lista de referências, mas não foram incluídos na Tabela 1.

Quadro 1. Estudos empíricos com pessoas jovens incluídos na revisão: dimensões monitoramento, controle e vigilância (MCV), humilhação e ameaças (HA), coerção sexual (CS).

Referência	País	Método	Amostra	Grupo etário	Dimensão
6 Hinduja & Patchin, 2020	EUA	Questionários	2.218 estudantes americanos do ensino fundamental e médio	12-17	MCV
7 Taylor et al., 2019	Brasil and Honduras	Entrevistas	147 (65 mulheres, 82 homens)	14-24	MCS;
9 Brown et al., 2021	Austrália	Questionários	527 (245 homens, 278 mulheres)	16-24	MCV; HA; CS
12 UNICEF, 2019	Brasil	Análise qualitativa de interações online e questionários	100 interações online de meninas adolescentes 14.000 questionários com meninas adolescentes	13-18	HA
28 Campeiz et al., 2020	Brasil	Grupos focais e entrevistas semiestruturadas	Grupos focais: 39 adolescentes (25 mulheres, 14 homens) Entrevistas: 15 adolescentes (6 homens, 9 mulheres)	15-18	MCV
29 Mackenzie & Mackay, 2019	Austrália	Entrevistas semiestruturadas em profundidade	10 mulheres	16-65	MCV; CS
30 Brown et al., 2020	Austrália	Grupos de discussão semiestruturados	38 jovens (23 mulheres, 15 homens)	16-24	MCV; HA; CS
41 Branson & March, 2021	Austrália, EUA, Reino Unido	Questionários	817 (78,2% mulheres)	18-73	HA
42 Lara, 2020	Chile	Questionários	1.538 estudantes do ensino médio e superior (59,5% mulheres)	14-24	MCV
44 Van Ouytsel et al., 2020	Bélgica	Questionários	446 estudantes do ensino médio (71,0% meninas, n = 331)	16-22	MCV
48 Cecchetto et al., 2016	Brasil	Grupos focais, entrevistas	257 meninos adolescentes (21 entrevistas, 236 grupos focais)	15-19	HA; CA
49 Oliveira et al., 2011	Brasil	Questionários, grupos focais e entrevistas semiestruturadas	3.205 estudantes do ensino médio (questionários), 519 adolescentes (262 meninas, 257 meninos) participaram de grupos focais ou entrevistas	15-19	MCV; HA; CS

continua

Quadro 1. Estudos empíricos com pessoas jovens incluídos na revisão: dimensões monitoramento, controle e vigilância (MCV), humilhação e ameaças (HA), coerção sexual (CS).

Referência	País	Método	Amostra	Grupo etário	Dimensão
50 Aghaie et al., 2018	Inglaterra, Bulgária, Chipre, Itália, Noruega	Entrevistas semiestruturadas	91 jovens (67 mulheres, 24 homens)	13-18	MCV
51 Lucero et al., 2014	EUA	Grupos focais	23 adolescentes (10 homens, 13 mulheres do ensino médio)	N/A	MCV; CS
52 Hellevik, 2019	Noruega	Entrevistas semiestruturadas em profundidade	14 adolescentes (12 meninas, 2 meninos)	15-18	MCV; HA; CS
53 Reed et al., 2021	EUA	Questionários com análise quantitativa e qualitativa	703 (54,4% meninas, 44,7% meninos, e 6 participantes se identificando com outra expressão de gênero)	13-19	MCV
54 Stonard et al., 2017	Reino Unido	Grupos focais	52 adolescentes (22 homens, 30 mulheres)	12-18	MCV
55 Chung, 2005	Austrália	Entrevistas	44 jovens (25 mulheres, 15 homens)	15-19	MCV
56 Chung, 2007	Austrália	Entrevistas semiestruturadas	25 mulheres jovens	14-18	MCV; HA
57 Hobbs, 2022	Austrália	Entrevistas semiestruturadas	17 jovens (15 mulheres, 1 homem, 1 gênero queer) 20 profissionais que trabalham com jovens de 12-17 anos	18-25	MCV; HA; CS
58 Campeiz et al., 2020	Brasil	Grupos focais e entrevistas semiestruturadas	Grupos focais: 39 adolescentes (25 mulheres, 14 homens) Entrevistas: 15 adolescentes (6 homens, 9 mulheres)	15-18	MCV
59 Campeiz, 2018	Brasil	Grupos focais e entrevistas semiestruturadas	Grupos focais: 39 adolescentes (25 mulheres, 14 homens) Entrevistas: 15 adolescentes (6 homens, 9 mulheres)	15-18	MCV
60 Instituto Avon/ Data Popular, 2014	Brasil	Grupos focais e entrevistas semiestruturadas	Grupos focais: 39 adolescentes (25 mulheres, 14 homens) Entrevistas: 15 adolescentes (6 homens, 9 mulheres)	15-18	MCV; CS

continua

Compreendendo o ADN: mapeando uma ampla gama de comportamentos

A prevalência de ADN varia significativamente na literatura. As estimativas de prevalên-

cia de vitimização e perpetração de ADN diferem bastante, dependendo dos métodos, conceitos e definições usados para capturar esse fenômeno³²⁻³⁵. Por exemplo, a revisão crítica de Brown e Hegarty das medidas de ADN³² encontrou taxas

Quadro 1. Estudos empíricos com pessoas jovens incluídos na revisão: dimensões monitoramento, controle e vigilância (MCV), humilhação e ameaças (HA), coerção sexual (CS).

Referência	País	Método	Amostra	Grupo etário	Dimensão
61 Nascimento & Cordeiro, 2011	Brasil	Pesquisa on-line de autopreenchimento	2,046 jovens (1,029 mulheres, 1,017 homens)	16-24	MCV; HA; CS
62 Ribeiro et al, 2011	Brasil	Entrevistas semiestruturadas	22 jovens e adultos jovens (14 mulheres, 8 homens)	18-29	MCV
63 Boen & Lopes, 2019	Brasil	Questionários	205 estudantes de universidade (140 mulheres)	18-58	MCV
64 Taylor et al., 2017	Brasil and Honduras	Entrevistas	147 (65 mulheres, 82 homens)	14-24	MCV; HA
65 Carvalhaes & Cárdenas, 2021	Brasil	Observação e entrevistas em profundidade	3 mulheres jovens e 3 homens jovens (entrevistas)	18-24	MCV
68 Zweig et al., 2013	EUA	Questionários	3.745 jovens do 7º ao 12º ano (1.765 homens, 1.956 mulheres)	N/A	MCV
69 Barter et al., 2015	Inglaterra, Bulgária, Chipre, Itália, Noruega	Oficinas com especialistas, questionários com jovens na escola, entrevistas semiestruturadas com jovens, desenvolvimento de aplicativos	4.564 questionários	14-17	MCS; HT;
70 Ferriani et al., 2019	100 entrevistas (67 mulheres jovens, 24 homens jovens)	14-17	MCV; HA	16-17	MCS;
72 Henry et al., 2019	Brasil	Grupos focais e entrevistas semiestruturadas	Grupos focais com 16 estudantes (9 mulheres, 7 homens) 7 entrevistas com estudantes (3 mulheres, 4 homens)	16-17	MCV
73 França et al., 2019	Brasil	Questionários com perguntas abertas e fechadas	141 (84% mulheres)	Mean age 24	HA; CS
74 França & Quevedo, 2020	Brasil	Questionários com perguntas abertas e fechadas	141 (84% mulheres)	Mean age 24	HA; CS

continua

de perpetração de 3% a 94%. A revisão sistemática de Caridade *et al.*³³ sobre ADN encontrou taxas de vitimização de 5,8% a 92%. Essa variabilidade torna a compreensão da prevalência de ADN e as comparações extremamente proble-

máticas. Estudiosos defendem consistência e instrumentos robustos para lidar com esses problemas^{32,36}. Apesar dessa disparidade nos dados de prevalência, argumenta-se que ADN é comum em relacionamentos de namoro^{28,33,35}. No entan-

Quadro 1. Estudos empíricos com pessoas jovens incluídos na revisão: dimensões monitoramento, controle e vigilância (MCV), humilhação e ameaças (HA), coerção sexual (CS).

Referência	País	Método	Amostra	Grupo etário	Dimensão
75 Flach & Deslandes, 2021	Brasil	Grupos focais	26 estudantes escolares (22 mulheres, 4 homens)	15-18	HA; CS
76 Reed, 2015	EUA	Questionários	947 estudantes do 9º ao 12º ano	13-19	HA
77 Montenegro et al., 2019	Brasil	Grupos focais	20 meninas adolescentes do 2º e 3º anos do ensino médio	N/A	HA
78 Dragiewicz et al., 2021	Austrália	Entrevistas	20 mulheres	21-65	HA
81 Baker & Carreño, 2016	EUA	Grupos focais	39 adolescentes em idade escolar (21 meninos, 18 meninas)	14-19	HA
82 Holt et al., 2021	Austrália	Questionários	1.328 adolescentes matriculados em escolas	13-14	CS
84 Henry et al., 2017	Austrália	Questionários	4.274 (2.406 mulheres, 1.868 homens)	16-49	CS
86 Deslandes et al., 2022	Brasil	Análise de vídeos produzidos por jovens youtubers que tiveram imagens íntimas distribuídas sem o seu consentimento	20 vídeos (12 criados por mulheres jovens, 8 por homens jovens)	N/A	CS
87 Henry et al., 2020	Austrália, Nova Zelândia, Reino Unido	Entrevistas semiestruturadas e questionários	75 participantes de entrevistas (a maioria eram mulheres jovens de 18 a 29 anos 68,0%) 6.109 questionários (mulheres 3.181, homens 2.928)	Entrevistas 18+	SC
88 Sousa et al., 2019	Brasil	Entrevistas em profundidade com diretores de escola, seis grupos focais com alunas do ensino médio meninas, oficinas	Seis grupos focais com meninas do ensino médio de 6 a 20 participantes em cada grupo	N/A	CS

Fonte: Autora.

to, pouco se sabe sobre a prevalência de ADN em países do Sul Global, já que a maioria dos estudos existentes foi realizada no Norte Global.

A literatura identificou diferentes formas de ADN – muitas vezes chamadas de dimensões em estudos quantitativos – incorporadas ao padrão de abuso no namoro^{9,31,36}. Antes de destacar essas diferentes formas, é necessário observar que não há acordo sobre a classificação de uma ampla gama de comportamentos de ADN, pois há

vários desafios no desenvolvimento de tal classificação. Primeiro, como acontece com as formas mais amplas de violência e assédio de gênero, a experiência vivida de abuso pode ser difícil de definir em categorias distintas³⁷. Além disso, o rápido desenvolvimento de novas tecnologias e mudanças de uso desafiam os pesquisadores a categorizar os comportamentos abusivos facilitados tecnologicamente³⁸. Apesar desses obstáculos, nomear fenômenos e sistematizá-los a

partir da terminologia é um importante ponto de partida para explorar, reconhecer e prevenir sua ocorrência^{37,39}.

As dimensões propostas por Borrajo *et al.*⁴⁰ são atualmente a classificação mais utilizada para investigar o ADN. Nela, classificam-se os comportamentos de ADN como agressão direta ou comportamentos de controle e monitoramento. A agressão direta se refere a comportamentos executados por meio da tecnologia para prejudicar uma/um parceira/o. Isso inclui ameaças de espalhar segredos e informações constrangedoras e ameaças de perigo físicos, compartilhamento de insultos e humilhações por meio de mensagens ou postagens em redes sociais e distribuição de imagens íntimas sem permissão. Comportamentos de controle e monitoramento abrangem vigilância e invasão de privacidade, incluindo chamadas excessivas para monitorar o paradeiro de uma/um parceira/o, verificar o telefone e as contas sociais de uma/um parceira/o sem permissão e controlar as interações digitais e atualizações de uma/um parceira/o nas redes sociais. Vários estudos quantitativos sobre ADN em países como Austrália⁴¹, Brasil³⁴, Chile⁴², Portugal⁴³, Bélgica⁴⁴ e México⁴⁵ usaram o questionário de Borrajo *et al.*⁴⁰

Embora esse instrumento fosse considerado o mais abrangente entre as ferramentas existentes disponíveis para os pesquisadores⁴⁶, ele prestou pouca atenção às formas sexuais de ADN e mediu apenas uma forma de comportamento sexual. Como tal, falha em reconhecer a vasta gama de comportamentos sexuais digitais e limita a compreensão desse tipo de abuso e do ADN de forma genérica^{36,47}. Em contraste, Brown e Hegarty² desenvolveram uma estrutura conceitual que captura comportamentos sexuais e reflete vários tipos de abuso alinhados com descobertas de estudos qualitativos de experiências de ADN de jovens do Sul Global^{9,48,49} e do Norte Global⁵⁰. Elas identificam quatro dimensões do ADN: (1) monitoramento e controle, (2) humilhação, (3) ameaças e (4) coerção sexual. Nas seções a seguir, descreverei e fornecerei exemplos de comportamentos de ADN de cada dimensão. Embora Brown *et al.*⁹ tenham avaliado a humilhação e as ameaças de ADN como dimensões diferentes devido a seus vínculos estreitos, irei analisá-las em conjunto.

Monitoramento, controle e vigilância

A literatura do Norte Global identifica os comportamentos de controle, monitoramento e vigilância como a forma mais relatada de

ADN^{6,44,50,51}. Esses estudos destacam que monitorar a localização e as atividades das/os parceiras/os por meio de ligações e mensagens repetidas ou excessivas é comum em relacionamentos íntimos entre jovens^{33,52-54}. As literaturas australiana e brasileira têm revelado essa mesma tendência. A pesquisa seminal de Chung^{55,56} sobre as experiências de violência no namoro de mulheres jovens na Austrália indicou que elas recebiam ligações constantes nos seus telefones residenciais, inclusive no meio da noite. O estudo recente de Hobbs⁵⁷ sobre as experiências de adolescentes de abuso no namoro no estado australiano da Tasmânia demonstra que as adolescentes receberam ligações e mensagens excessivas de seus parceiros. Da mesma forma, estudos pioneiros e contemporâneos do Brasil demonstraram a mesma dinâmica por meio de meios modernos de comunicação, como os telefones celulares^{28,49,58-62}.

Parceiros/as checando celulares e contas digitais, como e-mails, mídias sociais e aplicativos também tem sido relatado com frequência por jovens de ambos os países^{7,9,28-30,57-64} e na literatura do Norte^{51,52}. Esses estudos mostraram que pessoas jovens controlam as interações digitais de suas/seus parceiras/os, pedindo-lhes para excluir fotos e postagens, bloquear ou excluir amigos de suas mídias sociais, principalmente do sexo oposto^{7,9,28,52,54,65}.

Esses comportamentos de controle, monitoramento e vigilância podem ser escondidos ou escancarados. Por exemplo, no Brasil e na Austrália, jovens têm exigido senhas das contas móveis e digitais de suas/seus parceiros^{9,28-30,57,60}. Jovens também acessaram contas digitais de parceiras/os sem seu conhecimento ou permissão e deletaram amigos de suas redes sociais^{7,59}. Comportamentos semelhantes de controle e monitoramento também foram relatados na literatura do Norte⁵²⁻⁵⁴. Um comportamento menos comum relatado nessa literatura é colocar um dispositivo de rastreamento no carro de uma parceira para monitorar sua localização secretamente⁶⁶.

Pesquisas anteriores sobre ADN juvenil do Norte Global relataram resultados mistos sobre a natureza de gênero de comportamentos de monitoramento e controle. Os dados de vários estudos do Norte sugerem que as mulheres jovens são mais propensas do que os homens a se envolver em comportamentos de vigilância^{44,53,54}. Em contraste, Hinduja e Patchin⁶⁷ documentaram que os homens jovens são mais propensos a se envolver nesses comportamentos do que as mulheres. Outros estudiosos relataram que homens e mulheres jovens controlam e monitoram suas/seus parcei-

ras/os reciprocamente ou em um nível comparável no Sul Global^{7,9,42,64} e no Norte Global⁵¹.

Embora sejam encontrados resultados mistos na literatura sobre o engajamento de jovens em comportamentos de controle e monitoramento, há evidências de que as mulheres jovens vivenciam (como vítimas) esses comportamentos em níveis mais elevados do que os homens jovens. Por exemplo, Zweig *et al.*⁶⁸ descobriram que, embora as mulheres jovens nos Estados Unidos sejam mais propensas a se envolver nesses comportamentos, elas são submetidas a esses comportamentos e outras formas de ADN com mais frequência do que os homens jovens. Além disso, várias estudiosas do Norte⁶⁹ e do Brasil e da Austrália^{5,57} destacaram que os comportamentos controladores praticados por homens jovens são preponderantes e frequentemente mais severos do que aqueles praticados sobre mulheres jovens. Além disso, pesquisas no Brasil e na Austrália mostram que mulheres jovens relatam que seus parceiros verificaram seus telefones celulares e pediram suas senhas sem fornecer acesso às suas próprias^{29,59,61,64,70}. Estudos do Norte relataram comportamentos semelhantes^{52,69}. Essas experiências levantam questões essenciais sobre o papel dos contextos de gênero no ADN.

Humilhação e ameaças

A humilhação envolve ações que fazem com que as vítimas se sintam constrangidas, diminuídas, envergonhadas ou degradadas^{30,71}. No contexto do ADN, os comportamentos de humilhação incluem o uso de mensagens de texto ou dispositivos digitais para emitir ameaças, humilhações e insultos^{9,71}. Alguns exemplos de comportamentos de humilhação da escala de Brown e Hegarty² incluem o uso de dispositivo digital para ameaçar distribuir imagens íntimas, ferir fisicamente a vítima ou instigá-la a se machucar. Diferentemente da maioria dos estudos anteriores, sua escala tem como dimensão própria os comportamentos ameaçadores⁹, embora algumas formas de ameaças tenham sido incluídas na dimensão humilhação. A dimensão “ameaças” compreende comportamentos como usar dispositivo digital para ameaçar ferir emocionalmente a vítima ou danificar coisas que são importantes para ela, ameaçar ferir-se fisicamente se a vítima não fizer o que o/a parceiro/a deseja e fazer a vítima se sentir ameaçada se ignorar as ligações ou mensagens de seus/suas parceiros/as². Nesta seção, analiso os comportamentos de humilhação e ameaça, devido a seus vínculos estreitos.

Uma ameaça comumente discutida nas literaturas australiana e brasileira é a de compartilhamento de imagens íntimas sem consentimento, que é uma forma de ASBI^{12,30,72}. No contexto do ADN, esse comportamento se refere a ameaças feitas por um parceiro, atual ou passado, de distribuir fotos ou vídeos íntimos, frequentemente recebidos ou feitos durante o relacionamento. A ameaça de compartilhar imagens íntimas é moldada por normas de gênero focadas no policiamento da sexualidade feminina e pode levar ao medo de humilhação pública^{12,73,74}. Essa ameaça coloca as mulheres jovens em uma posição vulnerável, pois elas podem se autoculpar e temer se sentirem envergonhadas e julgadas por amigos, familiares e pelo público^{12,5,76}. Pesquisas sobre violência facilitada pela tecnologia entre jovens sugerem que ameaças de compartilhamento de imagens são usadas para forçar meninas adolescentes a permanecer ou se envolver em um relacionamento com homens jovens^{5,48,49,60,76}. Por exemplo, mulheres jovens receberam ameaças e pressões constantes para enviar mais fotos, resultando em abuso contínuo e sentimentos de medo constante e perda de controle^{12,35,77}. Esses resultados estão de acordo com os de Brown *et al.*⁹ de que mulheres jovens na Austrália sentem significativamente mais medo e angústia do que homens jovens quando vivenciam a ameaça de ter suas imagens íntimas distribuídas sem consentimento (75% das mulheres relataram que a ameaça induziu muito ou extremo medo ou angústia, em comparação com 20% dos homens). Ameaças semelhantes também foram discutidas em estudos do Norte Global^{69,76}.

Pesquisas no Brasil e na Austrália têm demonstrado que ameaças de distribuição de imagens íntimas são comuns no momento da separação^{49,57,73}. A separação é reconhecida como um fator de risco para a ocorrência e escalada de formas tradicionais e digitais de VPI contra mulheres e meninas^{60,64,78,79}. Esse fator de risco também é identificado internacionalmente⁸⁰.

A literatura demonstra ainda que a distância física não impede a ocorrência de ameaças digitais. Pesquisas indicam que parceiros do gênero masculino têm feito ameaças graves contra mulheres jovens por telefone, principalmente via mensagens de texto, no Brasil e na Austrália^{57,64}. Da mesma forma, ameaças severas também foram relatadas no Norte Global^{52,81}. No Brasil e na Austrália, meninas adolescentes receberam ameaças de morte e outras ameaças por meio de telefonemas e mensagens de texto^{49,56,57,60}, muitas vezes em contexto de separação. Por exemplo, a

pesquisa de Taylor *et al.*⁶⁴ sobre VPI com adolescentes no Brasil e em Honduras revelou que algumas mulheres jovens (de 14 a 24 anos) foram ameaçadas e controladas por parceiros presos. Essas experiências descrevem a disseminação e a gravidade dos comportamentos de ADN, pois podem ocorrer independentemente da proximidade física⁶⁴.

Coerção sexual

A categoria “coerção sexual” se refere a comportamentos que incluem pressionar outras pessoas a enviar imagens de nudez e mensagens sexualmente explícitas ou a se envolver em atos e discussões sexuais por meio de dispositivos digitais ou vídeos ao vivo². Essa dimensão também abrange a distribuição de fotos de nudez sem permissão (um tipo de ASBI) e o recebimento de imagens de nudez indesejadas de parceiros atuais ou anteriores². Várias linhas de evidência sugerem que a distribuição de imagens íntimas sem consentimento é a forma de ADN mais documentada na categoria coerção sexual entre jovens no Brasil e na Austrália^{2,29,30,48,49,59,60,73-75,82,83}. No Brasil, um estudo sobre violência contra a mulher constatou que 32% das mulheres jovens e 41% dos homens jovens de 16 a 24 anos receberam imagens de uma mulher nua que conheciam; mas 11% das mulheres jovens e 28% dos homens jovens relataram que haviam compartilhado novamente essas imagens⁶⁰. Na Austrália, uma pesquisa nacional sobre o ASBI demonstrou que 30,9% das pessoas jovens de 16 a 19 anos foram vítimas do ASBI⁸⁴. Pessoas jovens também foram mais propensas a vivenciar o ASBI por um parceiro atual ou anterior (30%)⁸⁴. Outro estudo australiano recente sobre “sexting” e distribuição de imagens sexuais entre adolescentes de 13 a 14 anos revela que, enquanto 13,6% relataram receber imagens íntimas, apenas 1,13% relatou divulgá-las sem consentimento⁸². Considerando achados semelhantes, pesquisadoras australianas e brasileiras argumentam que a maioria das pessoas jovens entende “recompartilhar” como uma violação de privacidade^{75,85} e que há necessidade de programas de educação para reforçar esse “senso normativo e ético de privacidade no ‘sexting’”⁸⁵ (p. 538).

Pesquisas sobre o ASBI no Brasil e na Austrália sugerem que a distribuição dessas imagens muitas vezes ocorre após o término ou tentativa de término de um relacionamento^{48,49,57,73,74,84,86,87}. Essa tendência também foi relatada no Norte Global^{51,52}. Nesse período, ameaças anteriores de

distribuição de imagens íntimas podem ser concretizadas^{35,73,74}. Isso chama a atenção para a escalada e ocorrência de mais abusos digitais durante esse período crítico.

Outro aspecto significativo da coerção sexual é a compreensão dos meios utilizados para adquirir e distribuir imagens íntimas, e a dinâmica, os impactos e os significados relacionados a esses atos. Em ambos os países, os homens jovens usaram diferentes plataformas para divulgar imagens de mulheres jovens. Por exemplo, pesquisa qualitativa australiana sobre as percepções dos jovens sobre o ADN, envolvendo grupos focais com jovens entre 16 e 24 anos, sugere que homens jovens podem usar o Snapchat para adquirir fotos³⁰. Essas fotos foram descritas em estudos do Sul e do Norte como um símbolo de *status* entre os pares, destacando que alguns jovens usaram essas imagens para afirmar sua masculinidade e ganhar *status* público e entre seus colegas⁸⁷. Em contraste, esse estudo australiano indicou que as mulheres jovens mantêm essas imagens privadas³⁰. Na Austrália, um trabalho qualitativo recente sobre abuso no namoro entre adolescentes mostrou que meninas adolescentes foram ameaçadas de ter suas fotos compartilhadas por seus parceiros se não apagassem as postagens que fizeram no Facebook⁵⁷. Embora os participantes jovens nem sempre mencionassem o ASBI, profissionais entrevistadas no estudo mencionaram que a distribuição via Snapchat de imagens íntimas de meninas adolescentes de 12 a 14 anos é comum e devastadora⁵⁷.

Pesquisas com grupos focais com adolescentes do Brasil de 15 a 18 anos descreveram diferentes impactos na distribuição da imagem íntima de meninos e meninas adolescentes⁷⁵. As imagens dos primeiros foram descritas pelos participantes como uma “propaganda positiva” e *status*, enquanto impactos severos foram descritos pelas meninas. No Brasil, alguns diretores de escola destacaram que os grupos de Facebook e WhatsApp criados para discutir temas relacionados à escola foram usados como canais para os agressores distribuírem essas imagens⁸⁸.

Enquanto estudos quantitativos encontraram resultados mistos sobre a natureza de gênero dessas formas de abuso³⁵, há um crescente corpo de evidências no Brasil e na Austrália que sugere que o ASBI é baseado no gênero, já que mulheres jovens são sobrerrepresentadas como vítimas desses comportamentos^{9,30,57,75,82,87}. Essa sobrerrepresentação precisa ser compreendida no contexto da desigualdade de gênero, em que padrões duplos de gênero entrelaçam a dinâmica do ASBI.

Conclusão

Embora as literaturas do Brasil e da Austrália tenham explorado algumas formas de ADN, particularmente o ASBI entre jovens, pouco se sabe sobre o ADN de maneira mais ampla. Há um crescente corpo de pesquisa sobre ADN no Sul Global, no entanto, os estudos contemporâneos de ADN têm sido predominantemente realizados em países do Norte. No geral, esses estudos exploraram experiências de adolescentes com comportamentos de controle, monitoramento e vigilância de ADN; contudo, a intenção e as consequências dessas experiências não são totalmente compreendidas. Esta revisão descreve a proeminência de estudos quantitativos sobre ADN. Há pesquisas limitadas sobre experiências de vitimização por ADN entre adolescentes, particularmente explorando uma ampla gama de

comportamentos de ADN, impactos e o contexto dessas experiências, especialmente em países do Sul Global, como Brasil e Austrália. Mais estudos qualitativos entre países são necessários para explorar o ADN como um fenômeno multidimensional em vários países do Sul e coletar dados para fornecer informações sobre experiências de vitimização por ADN, dinâmicas de gênero e outras implicações. Estudos futuros devem ser centrados em jovens e não restringir a investigação de experiências de ADN a instrumentos quantitativos. Nesse sentido, estudos qualitativos entre países devem ser desenvolvidos para compreender as experiências de jovens em seus próprios termos e explorar as dinâmicas de gênero que permeiam as experiências de ADN. Isso nos dará uma visão profunda sobre o ADN e um ponto de partida sólido para compreender, enfrentar e prevenir esse fenômeno.

Agradecimentos

À dra. Laura Vitis, por seu apoio e orientação neste artigo, à dra. Angela Higginson e à dra. Bridget Harris, por seu apoio, e ao dr. Rodrigo Iennaco, por seu apoio na versão deste artigo em português.

Financiamento

Governo federal australiano, por meio da bolsa de estudos QUT Research Training Program (RTP).

Referências

1. United Nations Children's Fund (UNICEF). The state of the world's children: children in a digital world [Internet]. New York: UNICEF Division of Communication; 2017. [cited 2022 dez 22]. Available from: https://www.unicef.org/media/48601/file/SOWC_2017_Summary_ENG.pdf
2. Brown C, Hegarty K. Development and validation of the TAR Scale: a measure of technology-facilitated abuse in relationships. *Comput Human Behav* 2021; 3(2):100059.
3. Carlisle E, Coumarelos C, Minter K, Lohmeyer B. 'It depends on what the definition of domestic violence is': how young Australians conceptualise domestic violence and abuse [research report, 9/2022]. ANROWS 2022.
4. Ferreira GLGP. Technology as both a facilitator of and response to youth intimate partner violence: perspectives from advocates in the Global-South. In: Bailey J, Flynn A, Henry N, editors. *The emerald international handbook of technology-facilitated violence and abuse*. Bingley: Emerald Publishing Limited; 2021. p. 427-446.
5. Flach RMD, Deslandes SF. Abuso digital nos relacionamentos afetivossexuais: uma análise bibliográfica. *Cien Saude Colet* 2017; 33(7):e00138516.
6. Hinduja S, Patchin JW. Digital dating abuse among a national sample of US Youth. *J Interpers Violence* 2020; 36(23-24):11088-11108 .
7. Taylor AY, Murphy-Graham E, Lauro G. Conceptualizing controlling behaviors in adolescent and youth intimate partner relationships. *Partner Abuse* 2019; 10(2):137-163.

8. eSafety research. The digital lives of Aussie teens [Internet]. *eSafety Commissioner* 2021. [cited 2022 dez 22]. Available from: <https://www.esafety.gov.au/sites/default/files/2021-02/The%20digital%20lives%20of%20Aussie%20teens.pdf>
9. Brown C, Sancil L, Hegarty K. Technology-facilitated abuse in relationships: victimisation patterns and impact in young people. *Comput Human Behav* 2021; 1:106897.
10. Cavalcanti JG, Coutinho MPL. Abuso digital nos relacionamentos amorosos: uma revisão sobre prevalência, instrumentos de avaliação e fatores de risco. *Av Pisco Clin Latamot* 2019; 37(2):235-254.
11. Lopes Gomes Pinto Ferreira G. *Preventing teenage intimate partner violence: advocate perceptions of education programs in the global-south* [thesis]. Brisbane: Queensland University of Technology; 2020.
12. Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Projeto Caretas [Internet]. [acessado 2022 dez 22]. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/adolescentes-e-o-risco-de-vazamento-de-imagens-intimas-na-internet>
13. Connell R. Using southern theory: decolonizing social thought in theory, research and application. *Plan Theory Pract* 2014; 13(2):210-223.
14. Committee on the Elimination of Discrimination against Women. General Recommendation No. 35 on Gender-based Violence Against Women, Updating General Recommendation No. 19 [Internet]. 2017. [cited 2022 dez 22]. Available from: https://tbineternet.ohchr.org/_layouts/15/treatybodyexternal/Download.aspx?symbolno=CEDAW/C/GC/35&Lang=en
15. United Nations (UN). Convention on the Rights of the Child [Internet]. 1990. [cited 2022 dez 22]. Available from: <https://www.ohchr.org/en/professionalinterest/pages/crc.aspx>
16. Elliffe R, Holt S, Øverlien C. Hiding and being hidden: the marginalisation of children's participation in research and practice responses to domestic violence and abuse. *Soc Work Soc Sci Rev* 2019; 22(1):6-25.
17. Øverlien C, Holt C. Qualitative interviews with children and adolescents who have experienced domestic violence and abuse. In: Devaney J, Bradbury-Jones C, Macy RJ, Øverlien C, Stephanie Holt S, editors. *The Routledge international handbook of domestic violence and abuse*. Abingdon: Routledge; 2021. p. 657-670.
18. Green SOB, Morton S. Listening to less-heard voices: methodological approaches, considerations and challenges when researching domestic violence and abuse with vulnerable and marginalised women. In: Devaney J, Bradbury-Jones C, Macy RJ, Øverlien C, Stephanie Holt S, editors. *The Routledge international handbook of domestic violence and abuse*. Abingdon: Routledge; 2021. p. 627-641.
19. Connell R, Pearse R, Collyer F, Maia J, Morrell. Re-making the global economy of knowledge: do new fields of research change the structure of North-South relations? *Br J Sociol* 2018; 69(3):738-757.
20. United Nations Children's Fund (UNICEF), International Telecommunication Union. *How many children and young people have internet access at home? Estimating digital connectivity during the COVID-19 pandemic*. New York: UNICEF; 2020.
21. Australian Bureau of Statistics. Household use of information technology [Internet]. 2018. [cited 2022 dez 22]. Available from: <https://www.abs.gov.au/statistics/industry/technology-and-innovation/household-use-information-technology/latest-release>
22. Brazilian Internet Steering Committee - CGI.br. Executive summary: ICT kids online Brazil survey 2019 [Internet]. 2020. [cited 2022 dez 22]. Available from: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20201123093630/executive_summary_ict_kids_online_2019.pdf
23. Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), CETIC.br, NIC.br, CGI.br. TIC Online Brasil 2019 [Internet] 2020. [acessado 2022 dez 22]. Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_kids_online_brasil_2019_coletiva_imprensa.pdf
24. Carrington K, Hogg R, Sozzo M. Southern criminology. *Br J Criminol* 2016; 56(1):1-20.
25. Queensland Sentencing Advisory Council. *Shining a light on stalking in Queensland*. Queensland: Sentencing Spotlight; 2020.
26. Queensland. Domestic and Family Violence Protection (Combating Coercive Control) and Other Legislation Amendment Bill 2022 [Internet]. 2022. [cited 2022 dez 22]. Available from: <https://www.legislation.qld.gov.au/view/html/bill.first/bill-2022-010>
27. Brasil. Lei nº 14.132, de 31 março de 2021.
28. Acrescenta o art. 147-A ao Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para prever o crime de perseguição; e revoga o art. 65 do Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941 (Lei das Contravenções Penais). *Diário Oficial da União* 2021; 31 mar.
29. Campeiz AB, Aragão ADS, Carlos DM, Campeiz AF, Ferriani MDGC. Redes sociais digitais: exposição à violência na intimidade entre adolescentes à luz da complexidade. *Texto Contexto Enferm* 2020; 29:e20190040.
30. Mackenzie C, Mackay T. *I just wanted to keep my boyfriend happy: young country women's perceptions of intimate partner violence*. Adelaide: The University of South Australia, The Australian Alliance for Social Enterprise; 2019.
31. Brown C, Flood M, Hegarty K. Digital dating abuse perpetration and impact: the importance of gender. *J Youth Stud* 2020; 25(2):193-208.
32. Henry N, Powell A. Technology-facilitated sexual violence: a literature review of empirical research. *Trauma Violence Abuse* 2018; 19(2):195-208.
33. Brown C, Hegarty K. Digital dating abuse measures: a critical review. *Aggress Violent Behav* 2018; 40:44-59.
34. Caridade S, Braga T, Borrajo E. Cyber dating abuse (CDA): evidence from a systematic review. *Aggress Violent Behav* 2019; 48:152-168.
35. Cavalcanti JG, Coutinho MDPDL, Nascimento AMD, Pinto AVDL. Psychometric properties of the cyber dating abuse questionnaire. *Psico-USF* 2020; 25(2):285-296.
36. Henry N, Flynn A, Powell A. Technology-facilitated domestic and sexual violence: a review. *Violence Against Women* 2020; 26(1-16):1828-1854.
37. Rocha-Silva T, Nogueira C, Rodrigues L. Intimate abuse through technology: a systematic review of scientific constructs and behavioural dimensions. *Comput Human Behav* 2021; 122:106861.

38. Kelly L. *Surviving sexual violence*. New York: Polity Press; 1988.
39. DeKeseredy WS, Dragiewicz M, Schwartz MD. New technologies and separation/divorce violence against women. In: DeKeseredy WS, Dragiewicz M, Schwartz MD, editors. *Abusive endings*. Oakland: University of California Press; 2017. p. 65-85.
40. Diniz D, Costa BS, Gumieri S. Nomear feminicídio: conhecer, simbolizar e punir. *Rev Bras Cienc Crim* 2015; 114:225-239.
41. Borrajo E, Gámez-Guadix M, Pereda N, Calvete E. The development and validation of the cyber dating abuse questionnaire among young couples. *Comput Human Behav* 2015; 48:358-365.
42. Branson M, March E. Dangerous dating in the digital age: jealousy, hostility, narcissism, and psychopathy as predictors of cyber dating abuse. *Comput Human Behav* 2021; 119:106711.
43. Lara L. Cyber dating abuse: assessment, prevalence, and relationship with offline violence in young Chileans. *J Soc Pers Relat* 2020; 37(5):1681-1699.
44. Caridade S, Braga T. Versão portuguesa do Cyber Dating Abuse Questionnaire (CDAQ) – Questionário sobre Ciberabuso no Namoro (CibAN): adaptação e propriedades psicométricas. *Análise Psicol* 2019; 1(37):93-105.
45. Van Ouytsel J, Ponnet K, Walrave M. Cyber dating abuse: investigating digital monitoring behaviors among adolescents from a social learning perspective. *J Inter Viol* 2020; 35(23-24):5157-5178.
46. García-Sánchez PV, Guevara-Martínez C, Rojas-Solís JL, Peña-Cárdenas F, Cruz VGG. Apego y ciber-violencia en la pareja de adolescentes. *J Educ Develop Psychol* 2017; 2(1):541-549.
47. Stephenson VL, Wickham BM, Capezza NM. Psychological abuse in the context of social media. *Violence Gend* 2018; 5(3):129-134.
48. Reed LA, Conn K, Wachter K. Name-calling, jealousy, and break-ups: teen girls' and boys' worst experiences of digital dating. *Child Youth Serv Rev* 2020; 108:104607.
49. Cecchetto F, Oliveira Q, Njaine K, Minayo M. Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades Brasileiras. *Interface (Botucatu)* 2016; 20(59):853-864.
50. Oliveira QBM, Assis SGd, Njaine K, Oliveira RC. Violências nas relações afetivo-sexuais. In: Minayo MCS, Assis SG, K Njaine K, editors. *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2011.
51. Aghtaie N, Larkins C, Barter C, Stanley N, Wood M, Øverlien C. Interpersonal violence and abuse in young people's relationships in five European countries: online and offline normalisation of heteronormativity. *J Gend Based Violence* 2018; 2(2):293-310.
52. Lucero JL, Weisz AN, Smith-Darden J, Lucero SM. Exploring gender differences: socially interactive technology use/abuse among dating teens. *Affilia* 2014; 29(4):478-491.
53. Hellevik PM. Teenagers' personal accounts of experiences with digital intimate partner violence and abuse. *Comput Human Behav* 2019; 92:178-187.
54. Reed LA, Lawler SM, Cosgrove JM, Tolman RM, Ward LM. 'It was a joke': Patterns in girls' and boys' self-reported motivations for digital dating abuse behaviors. *Child Youth Serv Rev* 2021; 122:105883.
55. Stonard KE, Bowen E, Walker K, Price SA. 'They'll always find a way to get to you': technology use in adolescent romantic relationships and its role in dating violence and abuse. *J Interpers Violence* 2017; 32(14):2083-2117.
56. Chung D. Violence, control, romance and gender equality: young women and heterosexual relationships. *Women's Studies International Forum* 2005; 28(6):445-455.
57. Chung D. Making meaning of relationships: young women's experiences and understandings of dating violence. *Violence Against Women* 2007; 13(12):1274-1295.
58. Hobbs C. *Young, in love and in danger: teen domestic violence and abuse in Tasmania* [research report]. Tasmania: Social Action and Research Centre, Anglicare Tasmania; 2022.
59. Campeiz AB, Carlos DM, Campeiz AF, Silva JL, Freitas LA, Ferriani MDGC. A violência na relação de intimidade sob a ótica de adolescentes: perspectivas do Paradigma da Complexidade. *Rev Esc Enferm USP* 2020; 54:e03575.
60. Campeiz AB. *A violência nas relações de intimidade entre os adolescentes sob a perspectiva do Paradigma da Complexidade* [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2018.
61. Instituto Avon/Data Popular. Violência contra a mulher: o jovem está ligado? [Internet]. 2014. [acessado ano mês dia]. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/violencia-contra-a-mulher-o-jovem-esta-ligado-data-popular-instituto-avon-2014/>
62. Nascimento FS, Cordeiro RLM. Violência no namoro para jovens moradores de Recife. *Psicol Soc* 2011; 23(2):516-525.
63. Ribeiro FML, Avanci JQ, Carvalho L, Gomes R, Pires TdO. Entre o 'Ficar' e o Namorar: relações afetivo-sexuais. In: Minayo MCS, Assis SG, Njaine K, organizadores. *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2011.
64. Boen MT, Lopes FL. Vitimização por stalking: um estudo sobre a prevalência em estudantes universitários. *Estud Fem* 2019; 27(2):e50031.
65. Taylor A, Lauro G, Murphy-Graham E, Pacheco T, Pacheco Montoya D, Araújo D. Adolescent relationship violence in Brazil and Honduras [Internet]. 2017. [cited 2022 dez 22]. Available from: <https://promundoglobal.org/resources/adolescent-relationship-violence-brazil-honduras/?lang=english>
66. Carvalhaes RDS, Cárdenas CMM. "Namorar é só sofrência": violências na relação afetivo-sexual de adolescentes de uma escola na região Costa Verde, Rio de Janeiro, Brasil. *Cien Saude Colet* 2019; 26(7):2719-2728.
67. Jaffe P, Fairbairn J, Sapardanis K. Youth dating violence and homicide. In: Wolfe DA, Temple JR, editors. *Adolescent dating violence: theory, research, and prevention*. Cambridge: Academic Press; 2018. p. 191-214.
68. Hinduja S, Patchin JW. Digital dating abuse: a brief guide for educators and parents [Internet]. 2020. [cited 2022 dez 22]. Available from: <https://cyberbullying.org/digital-dating-abuse-2>

69. Zweig JM, Dank M, Yahner J, Lachman P. The rate of cyber dating abuse among teens and how it relates to other forms of teen dating violence. *J Youth Adolesc* 2013; 42(7):1063-1077.
70. Barter C, Stanley N, Wood M, Aghtaie N, Larkins C, Øverlien C, Lesta S, Apostolov G, Shahbazyan L, Pavlou S, De Luca N, Cappello G, Hellevik P, Lanau A. Safeguarding Teenage Intimate Relationships (STIR): connecting online and offline contexts and risks [Internet]. 2015. [cited 2022 dez 22]. Available from: <https://medinstgenderstudies.org/wp-content/uploads/STIR-Exec-Summary-English.pdf>
71. Ferriani MDGC, Campeiz AB, Martins J, Aragão ADS, Roque EMDST, Carlos DM. Understanding and contextualizing teen dating violence. *Escola Anna Nery* 2019; 23(3):e20180349.
72. Stonard KE, Bowen E, Lawrence TR, Price SA. The relevance of technology to the nature, prevalence and impact of adolescent dating violence and abuse: a research synthesis. *Aggress Violent Behav* 2014; 19(4):390-417.
73. Henry N, Flynn A, Powell A. *Responding to 'revenge pornography': Prevalence, nature and impacts*. Canberra: Criminology Research Advisory Council; 2019.
74. França LA, Quevedo JV, Fontes JA, Segatto AJS, Abreu CAE, Santos DR, Vieira LR. Projeto Vazou: pesquisa sobre o vazamento não consentido de imagens íntimas no Brasil. *Rev Bras Cienc Crim* 2020; 169(28):231-270.
75. França LA, Quevedo JV. Project Leaked: research on non-consensual sharing of intimate images in Brazil. *Int J Cyber Criminol* 2020; 14(1):1-28.
76. Flach RMD, Deslandes SF. Regras/rupturas do "contrato" amoroso entre adolescentes: o papel do abuso digital. *Cien Saude Colet* 2021; 26(Supl. 3):5033-5044.
77. Reed LA. *Digital dating abuse: digital media as a gendered context for dating violence in the digital world* [thesis]. Ann Arbor: The University of Michigan; 2015.
78. Montenegro LMB, Alves LF, Silva AC, Silva LGM. Meninas na rede: percepções das meninas sobre violência de gênero online. In: Sousa J, Geraldés E, Reis LM, organizadores. *Internet e Direitos Humanos no Brasil: cenários e perspectivas*. Brasília: Universidade de Brasília; 2019. p. 159-180.
79. Dragiewicz M, Harris B, Woodlock D, Salter M. Digital media and domestic violence in Australia: essential contexts. *J Gend Based Violence* 2021; 5(3):377-393.
80. McLachlan F, Harris B. Intimate risks: examining online and offline abuse, homicide flags, and femicide. *Vict Offender* 2022; 17(5):623-646.
81. Fernet M, Lapierre A, Hebert M, Cousineau MM. A systematic review of literature on cyber intimate partner victimization in adolescent girls and women. *Comput Human Behav* 2019; 100:11-25.
82. Baker CK, Carreño PK. Understanding the role of technology in adolescent dating and dating violence. *J Child Fam Stud* 2016; 25(1):308-320.
83. Holt KM, Holt TJ, Cale J, Brewer R, Goldsmith A. Assessing the role of self-control and technology access on adolescent sexting and sext dissemination. *Comput Human Behav* 2021; 125:106952.
84. Martins APA. Violência no namoro e nas relações íntimas entre jovens: considerações preliminares sobre o problema no Brasil. *Genero* 2017; 2(1):9-28.
85. Henry N, Powell A, Flynn A. *Not just 'revenge pornography': Australians' experiences of image-based abuse: a summary report*. Melbourne: RMIT University; 2017.
86. Albury K, Hasinoff AA, Senft T. From media abstinence to media production: sexting, young people and education. In: Allen L, Rasmussen M, editors. *The Palgrave handbook of sexuality education*. London: Palgrave Macmillan; 2017. p. 527-545.
87. Deslandes SF, Silva CVCD, Reeve JM, Flach RMD. Vazamento de nudes: da moralização e violência generificada ao empoderamento. *Cien Saude Colet* 2022; 27(10):3959-3968.
88. Henry N, McGlynn C, Flynn A, Johnston K, Powell A, Scott AJ. *Image-based sexual abuse: a study on the causes and consequences of non-consensual nude or sexual imagery*. London: Routledge; 2020.
89. Sousa J, Geraldés E, Scheidweiler G, Montenegro L, Teles N. Escola App: programando uma nova vida. In: Sousa J, Geraldés E, Reis LM, editors. *Internet e direitos humanos no Brasil: cenários e perspectivas*. Brasília: Universidade de Brasília; 2019. p. 197-213.

Artigo apresentado em 22/12/2022

Aprovado em 04/04/2023

Versão final apresentada em 06/04/2023

Editores-chefes: Romeu Gomes, Antônio Augusto Moura da Silva

ERRATA

p. 3267

Onde se lia:

Pessoas jovens também foram mais propensas a vivenciar o ASBI por um parceiro atual ou anterior (30%)⁸⁴.

Leia-se:

Trinta por cento das pessoas jovens vivenciaram o ASBI perpetrado por um parceiro atual ou anterior⁸⁴.

p. 3270-3272

Onde se lia:

27. Brasil. Lei nº 14.132, de 31 março de 2021.
28. Acrescenta o art. 147-A ao Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para prever o crime de perseguição; e revoga o art. 65 do Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941 (Lei das Contravenções Penais). *Diário Oficial da União* 2021; 31 mar.
29. Campeiz AB, Aragão ADS, Carlos DM, Campeiz AF, Ferriani MDGC. Redes sociais digitais: exposição à violência na intimidade entre adolescentes à luz da complexidade. *Texto Contexto Enferm* 2020; 29:e20190040.
30. Mackenzie C, Mackay T. 'I just wanted to keep my boyfriend happy': young country women's perceptions of intimate partner violence. Adelaide: The University of South Australia, The Australian Alliance for Social Enterprise; 2019.
31. Brown C, Flood M, Hegarty K. Digital dating abuse perpetration and impact: the importance of gender. *J Youth Stud* 2020; 25(2):193-208.
32. Henry N, Powell A. Technology-facilitated sexual violence: a literature review of empirical research. *Trauma Violence Abuse* 2018; 19(2):195-208.
33. Brown C, Hegarty K. Digital dating abuse measures: a critical review. *Aggress Violent Behav* 2018; 40:44-59.
34. Caridade S, Braga T, Borrajo E. Cyber dating abuse (CDA): evidence from a systematic review. *Aggress Violent Behav* 2019; 48:152-168.
35. Cavalcanti JG, Coutinho MDPDL, Nascimento AMD, Pinto AVDL. Psychometric properties of the cyber dating abuse questionnaire. *Psico-USF* 2020; 25(2):285-296.
36. Henry N, Flynn A, Powell A. Technology-facilitated domestic and sexual violence: a review. *Violence Against Women* 2020; 26(1-16):1828-1854.
37. Rocha-Silva T, Nogueira C, Rodrigues L. Intimate abuse through technology: a systematic review of scientific constructs and behavioural dimensions. *Comput Human Behav* 2021; 122:106861.
38. Kelly L. *Surviving sexual violence*. New York: Polity Press; 1988.
39. DeKeseredy WS, Dragiewicz M, Schwartz MD. New technologies and separation/divorce violence against women. In: DeKeseredy WS, Dragiewicz M, Schwartz MD, editors. *Abusive endings*. Oakland: University of California Press; 2017. p. 65-85.
40. Diniz D, Costa BS, Gumieri S. Nomear feminicídio: conhecer, simbolizar e punir. *Rev Bras Cienc Crim* 2015; 114:225-239.
41. Borrajo E, Gámez-Guadix M, Pereda N, Calvete E. The development and validation of the cyber dating abuse questionnaire among young couples. *Comput Human Behav* 2015; 48:358-365.
42. Branson M, March E. Dangerous dating in the digital age: jealousy, hostility, narcissism, and psychopathy as predictors of cyber dating abuse. *Comput Human Behav* 2021; 119:106711.
43. Lara L. Cyber dating abuse: assessment, prevalence, and relationship with offline violence in young Chileans. *J Soc Pers Relat* 2020; 37(5):1681-1699.
44. Caridade S, Braga T. Versão portuguesa do Cyber Dating Abuse Questionnaire (CDAQ) – Questionário sobre Ciberabuso no Namoro (CibAN): adaptação e propriedades psicométricas. *Análise Psicol* 2019; 1(37):93-105.
45. Van Ouytsel J, Ponnet K, Walrave M. Cyber dating abuse: investigating digital monitoring behaviors among adolescents from a social learning perspective. *J Inter Viol* 2020; 35(23-24):5157-5178.
46. García-Sánchez PV, Guevara-Martínez C, Rojas-Solis JL, Peña-Cárdenas F, Cruz VGG. Apego y ciber-violencia en la pareja de adolescentes. *J Educ Develop Psychol* 2017; 2(1):541-549.
47. Stephenson VL, Wickham BM, Capezza NM. Psychological abuse in the context of social media. *Violence Gend* 2018; 5(3):129-134.
48. Reed LA, Conn K, Wachter K. Name-calling, jealousy, and break-ups: teen girls' and boys' worst experiences of digital dating. *Child Youth Serv Rev* 2020; 108:104607.
49. Cecchetto F, Oliveira Q, Njaine K, Minayo M. Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades Brasileiras. *Interface (Botucatu)* 2016; 20(59):853-864.
50. Oliveira QBM, Assis SGd, Njaine K, Oliveira RC. Violências nas relações afetivo-sexuais. In: Minayo MCS, Assis SG, K Njaine K, editors. *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2011.

51. Aghtaie N, Larkins C, Barter C, Stanley N, Wood M, Øverlien C. Interpersonal violence and abuse in young people's relationships in five European countries: on-line and offline normalisation of heteronormativity. *J Gend Based Violence* 2018; 2(2):293-310.
52. Lucero JL, Weisz AN, Smith-Darden J, Lucero SM. Exploring gender differences: socially interactive technology use/abuse among dating teens. *Affilia* 2014; 29(4):478-491.
53. Hellevik PM. Teenagers' personal accounts of experiences with digital intimate partner violence and abuse. *Comput Human Behav* 2019; 92:178-187.
54. Reed LA, Lawler SM, Cosgrove JM, Tolman RM, Ward LM. 'It was a joke': Patterns in girls' and boys' self-reported motivations for digital dating abuse behaviors. *Child Youth Serv Rev* 2021; 122:105883.
55. Stonard KE, Bowen E, Walker K, Price SA. 'They'll always find a way to get to you': technology use in adolescent romantic relationships and its role in dating violence and abuse. *J Interpers Violence* 2017; 32(14):2083-2117.
56. Chung D. Violence, control, romance and gender equality: young women and heterosexual relationships. *Women's Studies International Forum* 2005; 28(6):445-455.
57. Chung D. Making meaning of relationships: young women's experiences and understandings of dating violence. *Violence Against Women* 2007; 13(12):1274-1295.
58. Hobbs C. *Young, in love and in danger: teen domestic violence and abuse in Tasmania* [research report]. Tasmania: Social Action and Research Centre, Anglicare Tasmania; 2022.
59. Campeiz AB, Carlos DM, Campeiz AF, Silva JL, Freitas LA, Ferriani MDGC. A violência na relação de intimidade sob a ótica de adolescentes: perspectivas do Paradigma da Complexidade. *Rev Esc Enferm USP* 2020; 54:e03575.
60. Campeiz AB. *A violência nas relações de intimidade entre os adolescentes sob a perspectiva do Paradigma da Complexidade* [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2018.
61. Instituto Avon/Data Popular. Violência contra a mulher: o jovem está ligado? [Internet]. 2014. [acessado 2022 dez 22]. Disponível em: <https://dossies.agencia-patriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/violencia-contra-a-mulher-o-jovem-esta-ligado-data-popular-instituto-avon-2014/>
62. Nascimento FS, Cordeiro RLM. Violência no namoro para jovens moradores de Recife. *Psicol Soc* 2011; 23(2):516-525.
63. Ribeiro FML, Avanci JQ, Carvalho L, Gomes R, Pires TdO. Entre o 'Ficar' e o Namorar: relações afetivo-sexuais. In: Minayo MCS, Assis SG, Njaine K, organizadores. *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2011.
64. Boen MT, Lopes FL. Vitimização por stalking: um estudo sobre a prevalência em estudantes universitários. *Estud Fem* 2019; 27(2):e50031.
65. Taylor A, Lauro G, Murphy-Graham E, Pacheco T, Pacheco Montoya D, Araújo D. Adolescent relationship violence in Brazil and Honduras [Internet]. 2017. [cited 2022 dez 22]. Available from: <https://promundoglobal.org/resources/adolescent-relationship-violence-brazil-honduras/?lang=english>
66. Carvalhaes RDS, Cárdenas CMM. "Namorar é só sofrência": violências na relação afetivo-sexual de adolescentes de uma escola na região Costa Verde, Rio de Janeiro, Brasil. *Cien Saude Colet* 2019; 26(7):2719-2728.
67. Jaffe P, Fairbairn J, Sapardanis K. Youth dating violence and homicide. In: Wolfe DA, Temple JR, editors. *Adolescent dating violence: theory, research, and prevention*. Cambridge: Academic Press; 2018. p. 191-214.
68. Hinduja S, Patchin JW. Digital dating abuse: a brief guide for educators and parents [Internet]. 2020. [cited 2022 dez 22]. Available from: <https://cyberbullying.org/digital-dating-abuse-2>
69. Zweig JM, Dank M, Yahner J, Lachman P. The rate of cyber dating abuse among teens and how it relates to other forms of teen dating violence. *J Youth Adolesc* 2013; 42(7):1063-1077.
70. Barter C, Stanley N, Wood M, Aghtaie N, Larkins C, Øverlien C, Lesta S, Apostolov G, Shabbazyan L, Pavlou S, De Luca N, Cappello G, Hellevik P, Lanau A. Safeguarding Teenage Intimate Relationships (STIR): connecting online and offline contexts and risks [Internet]. 2015. [cited 2022 dez 22]. Available from: <https://medinstgenderstudies.org/wp-content/uploads/STIR-Exec-Summary-English.pdf>
71. Ferriani MDGC, Campeiz AB, Martins J, Aragão ADS, Roque EMDST, Carlos DM. Understanding and contextualizing teen dating violence. *Escola Anna Nery* 2019; 23(3):e20180349.
72. Stonard KE, Bowen E, Lawrence TR, Price SA. The relevance of technology to the nature, prevalence and impact of adolescent dating violence and abuse: a research synthesis. *Aggress Violent Behav* 2014; 19(4):390-417.
73. Henry N, Flynn A, Powell A. *Responding to 'revenge pornography': Prevalence, nature and impacts*. Canberra: Criminology Research Advisory Council; 2019.
74. França LA, Quevedo JV, Fontes JA, Segatto AJS, Abreu CAF, Santos DR, Vieira LR. Projeto Vazou: pesquisa sobre o vazamento não consentido de imagens íntimas no Brasil. *Rev Bras Cienc Crim* 2020; 169(28):231-270.
75. França LA, Quevedo JV. Project Leaked: research on non-consensual sharing of intimate images in Brazil. *Int J Cyber Criminol* 2020; 14(1):1-28.
76. Flach RMD, Deslandes SF. Regras/rupturas do "contrato" amoroso entre adolescentes: o papel do abuso digital. *Cien Saude Colet* 2021; 26(Supl. 3):5033-5044.
77. Reed LA. *Digital dating abuse: digital media as a gendered context for dating violence in the digital world* [thesis]. Ann Arbor: The University of Michigan; 2015.
78. Montenegro LMB, Alves LF, Silva AC, Silva LGM. Meninas na rede: percepções das meninas sobre violência de gênero online. In: Sousa J, Geraldes E, Reis LM, organizadores. *Internet e Direitos Humanos no Brasil: cenários e perspectivas*. Brasília: Universidade de Brasília; 2019. p. 159-180.
79. Dragiewicz M, Harris B, Woodlock D, Salter M. Digital media and domestic violence in Australia: essential contexts. *J Gend Based Violence* 2021; 5(3):377-393.
80. McLachlan F, Harris B. Intimate risks: examining online and offline abuse, homicide flags, and femicide. *Vict Offender* 2022; 17(5):623-646.
81. Fernet M, Lapierre A, Hebert M, Cousineau MM. A systematic review of literature on cyber intimate partner victimization in adolescent girls and women. *Comput Human Behav* 2019; 100:11-25.
82. Baker CK, Carreño PK. Understanding the role of technology in adolescent dating and dating violence. *J Child Fam Stud* 2016; 25(1):308-320.

83. Holt KM, Holt TJ, Cale J, Brewer R, Goldsmith A. Assessing the role of self-control and technology access on adolescent sexting and sext dissemination. *Comput Human Behav* 2021; 125:106952.
84. Martins APA. Violência no namoro e nas relações íntimas entre jovens: considerações preliminares sobre o problema no Brasil. *Genero* 2017; 2(1):9-28.
85. Henry N, Powell A, Flynn A. *Not just 'revenge pornography': Australians' experiences of image-based abuse: a summary report*. Melbourne: RMIT University; 2017.
86. Albury K, Hasinoff AA, Senft T. From media abstinence to media production: sexting, young people and education. In: Allen L, Rasmussen M, editors. *The Palgrave handbook of sexuality education*. London: Palgrave Macmillan; 2017. p. 527-545.
87. Deslandes SF, Silva CVCD, Reeve JM, Flach RMD. Vazamento de nudes: da moralização e violência generificada ao empoderamento. *Cien Saude Colet* 2022; 27(10):3959-3968.
88. Henry N, McGlynn C, Flynn A, Johnston K, Powell A, Scott AJ. *Image-based sexual abuse: a study on the causes and consequences of non-consensual nude or sexual imagery*. London: Routledge; 2020.
89. Sousa J, Gerales E, Scheidweiler G, Montenegro L, Teles N. Escola App: programando uma nova vida. In: Sousa J, Gerales E, Reis LM, editors. *Internet e direitos humanos no Brasil: cenários e perspectivas*. Brasília: Universidade de Brasília; 2019. p. 197-213.

Leia-se:

27. Brasil. Lei nº 14.132, de 31 março de 2021. Acrescenta o art. 147-A ao Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para prever o crime de perseguição; e revoga o art. 65 do Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941 (Lei das Contravenções Penais). *Diário Oficial da União* 2021; 31 mar.
28. Campeiz AB, Aragão ADS, Carlos DM, Campeiz AF, Ferriani MDGC. Redes sociais digitais: exposição à violência na intimidade entre adolescentes à luz da complexidade. *Texto Contexto Enferm* 2020; 29:e20190040.
29. Mackenzie C, Mackay T. *I just wanted to keep my boyfriend happy: young country women's perceptions of intimate partner violence*. Adelaide: The University of South Australia, The Australian Alliance for Social Enterprise; 2019.
30. Brown C, Flood M, Hegarty K. Digital dating abuse perpetration and impact: the importance of gender. *J Youth Stud* 2020; 25(2):193-208.
31. Henry N, Powell A. Technology-facilitated sexual violence: a literature review of empirical research. *Trauma Violence Abuse* 2018; 19(2):195-208.
32. Brown C, Hegarty K. Digital dating abuse measures: a critical review. *Aggress Violent Behav* 2018; 40:44-59.
33. Caridade S, Braga T, Borrajo E. Cyber dating abuse (CDA): evidence from a systematic review. *Aggress Violent Behav* 2019; 48:152-168.
34. Cavalcanti JG, Coutinho MDL, Nascimento AMD, Pinto AVDL. Psychometric properties of the cyber dating abuse questionnaire. *Psico-USF* 2020; 25(2):285-296.
35. Henry N, Flynn A, Powell A. Technology-facilitated domestic and sexual violence: a review. *Violence Against Women* 2020; 26(1-16):1828-1854.
36. Rocha-Silva T, Nogueira C, Rodrigues L. Intimate abuse through technology: a systematic review of scientific constructs and behavioural dimensions. *Comput Human Behav* 2021; 122:106861.
37. Kelly L. *Surviving sexual violence*. New York: Polity Press; 1988.
38. DeKeseredy WS, Dragiewicz M, Schwartz MD. New technologies and separation/divorce violence against women. In: DeKeseredy WS, Dragiewicz M, Schwartz MD, editors. *Abusive endings*. Oakland: University of California Press; 2017. p. 65-85.
39. Diniz D, Costa BS, Gumieri S. Nomear feminicídio: conhecer, simbolizar e punir. *Rev Bras Cienc Crim* 2015; 114:225-239.
40. Borrajo E, Gámez-Guadix M, Pereda N, Calvete E. The development and validation of the cyber dating abuse questionnaire among young couples. *Comput Human Behav* 2015; 48:358-365.
41. Branson M, March E. Dangerous dating in the digital age: jealousy, hostility, narcissism, and psychopathy as predictors of cyber dating abuse. *Comput Human Behav* 2021; 119:106711.
42. Lara L. Cyber dating abuse: assessment, prevalence, and relationship with offline violence in young Chileans. *J Soc Pers Relat* 2020; 37(5):1681-1699.
43. Caridade S, Braga T. Versão portuguesa do Cyber Dating Abuse Questionnaire (CDAQ) – Questionário sobre Ciberabuso no Namoro (CibAN): adaptação e propriedades psicométricas. *Análise Psicol* 2019; 1(37):93-105.
44. Van Ouytsel J, Ponnet K, Walrave M. Cyber dating abuse: investigating digital monitoring behaviors among adolescents from a social learning perspective. *J Inter Viol* 2020; 35(23-24):5157-5178.
45. García-Sánchez PV, Guevara-Martínez C, Rojas-Solís JL, Peña-Cárdenas F, Cruz VGG. Apego y ciber-violencia en la pareja de adolescentes. *J Educ Develop Psychol* 2017; 2(1):541-549.
46. Stephenson VL, Wickham BM, Capezza NM. Psychological abuse in the context of social media. *Violence Gend* 2018; 5(3):129-134.
47. Reed LA, Conn K, Wachter K. Name-calling, jealousy, and break-ups: teen girls' and boys' worst experiences of digital dating. *Child Youth Serv Rev* 2020; 108:104607.
48. Cecchetto F, Oliveira Q, Njaine K, Minayo M. Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades Brasileiras. *Interface (Botucatu)* 2016; 20(59):853-864.
49. Oliveira QBM, Assis SGd, Njaine K, Oliveira RC. Violências nas relações afetivo-sexuais. In: Minayo MCS, Assis SG, K Njaine K, editors. *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2011.

50. Aghtaie N, Larkins C, Barter C, Stanley N, Wood M, Øverlien C. Interpersonal violence and abuse in young people's relationships in five European countries: on-line and offline normalisation of heteronormativity. *J Gend Based Violence* 2018; 2(2):293-310.
51. Lucero JL, Weisz AN, Smith-Darden J, Lucero SM. Exploring gender differences: socially interactive technology use/abuse among dating teens. *Affilia* 2014; 29(4):478-491.
52. Hellevik PM. Teenagers' personal accounts of experiences with digital intimate partner violence and abuse. *Comput Human Behav* 2019; 92:178-187.
53. Reed LA, Lawler SM, Cosgrove JM, Tolman RM, Ward LM. 'It was a joke': Patterns in girls' and boys' self-reported motivations for digital dating abuse behaviors. *Child Youth Serv Rev* 2021; 122:105883.
54. Stonard KE, Bowen E, Walker K, Price SA. 'They'll always find a way to get to you': technology use in adolescent romantic relationships and its role in dating violence and abuse. *J Interpers Violence* 2017; 32(14):2083-2117.
55. Chung D. Violence, control, romance and gender equality: young women and heterosexual relationships. *Women's Studies International Forum* 2005; 28(6):445-455.
56. Chung D. Making meaning of relationships: young women's experiences and understandings of dating violence. *Violence Against Women* 2007; 13(12):1274-1295.
57. Hobbs C. *Young, in love and in danger: teen domestic violence and abuse in Tasmania* [research report]. Tasmania: Social Action and Research Centre, Anglicare Tasmania; 2022.
58. Campeiz AB, Carlos DM, Campeiz AF, Silva JL, Freitas LA, Ferriani MDGC. A violência na relação de intimidade sob a ótica de adolescentes: perspectivas do Paradigma da Complexidade. *Rev Esc Enferm USP* 2020; 54:e03575.
59. Campeiz AB. *A violência nas relações de intimidade entre os adolescentes sob a perspectiva do Paradigma da Complexidade* [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2018.
60. Instituto Avon/Data Popular. Violência contra a mulher: o jovem está ligado? [Internet]. 2014. [acessado 2022 dez 22]. Disponível em: <https://dossies.agencia-patriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/violencia-contra-a-mulher-o-jovem-esta-ligado-data-popular-instituto-avon-2014/>
61. Nascimento FS, Cordeiro RLM. Violência no namoro para jovens moradores de Recife. *Psicol Soc* 2011; 23(2):516-525.
62. Ribeiro FML, Avanci JQ, Carvalho L, Gomes R, Pires TdO. Entre o 'Ficar' e o Namorar: relações afetivo-sexuais. In: Minayo MCS, Assis SG, Njaine K, organizadores. *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2011.
63. Boen MT, Lopes FL. Vitimização por stalking: um estudo sobre a prevalência em estudantes universitários. *Estud Fem* 2019; 27(2):e50031.
64. Taylor A, Lauro G, Murphy-Graham E, Pacheco T, Pacheco Montoya D, Araújo D. Adolescent relationship violence in Brazil and Honduras [Internet]. 2017. [cited 2022 dez 22]. Available from: <https://promundoglobal.org/resources/adolescent-relationship-violence-brazil-honduras/?lang=english>
65. Carvalhaes RDS, Cárdenas CMM. "Namorar é só sofrência": violências na relação afetivo-sexual de adolescentes de uma escola na região Costa Verde, Rio de Janeiro, Brasil. *Cien Saude Colet* 2019; 26(7):2719-2728.
66. Jaffe P, Fairbairn J, Sapardanis K. Youth dating violence and homicide. In: Wolfe DA, Temple JR, editors. *Adolescent dating violence: theory, research, and prevention*. Cambridge: Academic Press; 2018. p. 191-214.
67. Hinduja S, Patchin JW. Digital dating abuse: a brief guide for educators and parents [Internet]. 2020. [cited 2022 dez 22]. Available from: <https://cyberbullying.org/digital-dating-abuse-2>
68. Zweig JM, Dank M, Yahner J, Lachman P. The rate of cyber dating abuse among teens and how it relates to other forms of teen dating violence. *J Youth Adolesc* 2013; 42(7):1063-1077.
69. Barter C, Stanley N, Wood M, Aghtaie N, Larkins C, Øverlien C, Lesta S, Apostolov G, Shahbazyan L, Pavlou S, De Luca N, Cappello G, Hellevik P, Lanau A. Safeguarding Teenage Intimate Relationships (STIR): connecting online and offline contexts and risks [Internet]. 2015. [cited 2022 dez 22]. Available from: <https://medinstgenderstudies.org/wp-content/uploads/STIR-Exec-Summary-English.pdf>
70. Ferriani MDGC, Campeiz AB, Martins J, Aragão ADS, Roque EMDST, Carlos DM. Understanding and contextualizing teen dating violence. *Escola Anna Nery* 2019; 23(3):e20180349.
71. Stonard KE, Bowen E, Lawrence TR, Price SA. The relevance of technology to the nature, prevalence and impact of adolescent dating violence and abuse: a research synthesis. *Aggress Violent Behav* 2014; 19(4):390-417.
72. Henry N, Flynn A, Powell A. *Responding to 'revenge pornography': Prevalence, nature and impacts*. Canberra: Criminology Research Advisory Council; 2019.
73. França LA, Quevedo JV, Fontes JA, Segatto AJS, Abreu CAF, Santos DR, Vieira LR. Projeto Vazou: pesquisa sobre o vazamento não consentido de imagens íntimas no Brasil. *Rev Bras Cienc Crim* 2020; 169(28):231-270.
74. França LA, Quevedo JV. Project Leaked: research on non-consensual sharing of intimate images in Brazil. *Int J Cyber Criminol* 2020; 14(1):1-28.
75. Flach RMD, Deslandes SF. Regras/rupturas do "contrato" amoroso entre adolescentes: o papel do abuso digital. *Cien Saude Colet* 2021; 26(Supl. 3):5033-5044.
76. Reed LA. *Digital dating abuse: digital media as a gendered context for dating violence in the digital world* [thesis]. Ann Arbor: The University of Michigan; 2015.
77. Montenegro LMB, Alves LF, Silva AC, Silva LGM. Meninas na rede: percepções das meninas sobre violência de gênero online. In: Sousa J, Galdes E, Reis LM, organizadores. *Internet e Direitos Humanos no Brasil: cenários e perspectivas*. Brasília: Universidade de Brasília; 2019. p. 159-180.
78. Dragiewicz M, Harris B, Woodlock D, Salter M. Digital media and domestic violence in Australia: essential contexts. *J Gend Based Violence* 2021; 5(3):377-393.
79. McLachlan F, Harris B. Intimate risks: examining online and offline abuse, homicide flags, and femicide. *Vict Offender* 2022; 17(5):623-646.
80. Fernet M, Lapierre A, Hebert M, Cousineau MM. A systematic review of literature on cyber intimate partner victimization in adolescent girls and women. *Comput Human Behav* 2019; 100:11-25.

81. Baker CK, Carreño PK. Understanding the role of technology in adolescent dating and dating violence. *J Child Fam Stud* 2016; 25(1):308-320.
82. Holt KM, Holt TJ, Cale J, Brewer R, Goldsmith A. Assessing the role of self-control and technology access on adolescent sexting and sext dissemination. *Comput Human Behav* 2021; 125:106952.
83. Martins APA. Violência no namoro e nas relações íntimas entre jovens: considerações preliminares sobre o problema no Brasil. *Genero* 2017; 2(1):9-28.
84. Henry N, Powell A, Flynn A. *Not just 'revenge pornography': Australians' experiences of image-based abuse: a summary report*. Melbourne: RMIT University; 2017.
85. Albury K, Hasinoff AA, Senft T. From media abstinence to media production: sexting, young people and education. In: Allen L, Rasmussen M, editors. *The Palgrave handbook of sexuality education*. London: Palgrave Macmillan; 2017. p. 527-545.
86. Deslandes SF, Silva CVCD, Reeve JM, Flach RMD. Vazamento de nudes: da moralização e violência generificada ao empoderamento. *Cien Saude Colet* 2022; 27(10):3959-3968.
87. Henry N, McGlynn C, Flynn A, Johnston K, Powell A, Scott AJ. *Image-based sexual abuse: a study on the causes and consequences of non-consensual nude or sexual imagery*. London: Routledge; 2020.
88. Sousa J, Geraldés E, Scheidweiler G, Montenegro L, Teles N. Escola App: programando uma nova vida. In: Sousa J, Geraldés E, Reis LM, editors. *Internet e direitos humanos no Brasil: cenários e perspectivas*. Brasília: Universidade de Brasília; 2019. p. 197-213.